

A IMPORTÂNCIA DA CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO

Luiz Roberto Prandi*
 Alexandra Bonifácio Neves**
 Lucília Gouveia***
 Márcio Grama Hoepfner****

PRANDI, L. R.; NEVES, A. B.; GOUVEIA, L.; HOEPPNER, M. G. A Importância da Criatividade na Educação. *Akrópolis*, v. 14, n. 2: 51-53, 2006.

RESUMO: O objetivo deste estudo é discutir a influência da utilização da criatividade no cotidiano do profissional da educação. Não apenas com o objetivo de tornar as aulas mais atraentes para os alunos, mas, também, mais significativas: afinal, a criatividade, como a concebemos, não é apenas uma maneira diferente de trabalhar os mesmos assuntos; mas, sim, uma forma de compreender os mais diversos conceitos da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: educação criativa; novas metodologias; profissional da educação.

THE IMPORTANCE OF CREATIVITY IN EDUCATION

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss the influence of the use of creativity in the Education professional's daily routine. Not only by focusing on having classes more attractive for the students, but more meaningful as well: hence, creativity, as we conceive it, is not only a different way of covering the same issues but a way of understanding the most varied concepts of reality.

KEY WORDS: creative education; new methodologies; Education professional.

Introdução

Este estudo nos permitirá refletir a respeito de uma educação criativa tomando como ponto de partida a importância que a criatividade tem não apenas dentro do processo educacional, mas no convívio social como um todo e, particularmente, dentro do mundo do trabalho na atualidade.

A velha equação “giz - quadro - livro didático - fala do professor” ainda permanece como eixo central do que se entende por AULA, na maioria das escolas brasileiras. É como se as inúmeras tendências e correntes pedagógicas que circularam durante o século XX - e que ainda circulam -, cada qual anunciando a revisão total das formas de ensino, não se efetivassem no cotidiano escolar, salvo raras exceções. É a permanência de uma tradição - inconsciente, por certo - que tem raízes em pressupostos pedagógicos por vezes jesuíticos, por vezes iluministas.

Por outro lado, as ciências, tanto no seu viés mais abstrato da reflexão teórica quanto no que tange a sua parte mais visível que são suas aplicações técnicas e tecnológicas, avançam com velocidade. E isto não se faz com velhos paradigmas, mas com novos procedimentos e novos olhares.

Tudo isso contribui para aumentar a instabilidade dentro da escola, provocada pelo descompasso entre os métodos utilizados institucionalmente e o frenesi do cotidiano moderno.

Educação criativa

Educar na criatividade é educar para a mudança e formar pessoas ricas em originalidade, flexibilidade, visão futura, iniciativa, confiança, amantes dos riscos e listas para confrontar os obstáculos e problemas que serão apresentados em sua vida escolar e cotidiana. Além de lhes oferecer ferramentas para a inovação.

Do ponto de vista de Perrenoud (1997)

a criatividade implica fugir do óbvio, o seguro e o previsível para produzir algo que, ao menos para a criança, é novo.

E acrescenta:

A criatividade em sentido limitado refere-se às aptidões que são características dos indivíduos criadores, como a fluidez, a flexibilidade, a originalidade e o pensamento divergente.

Por outra parte, demonstrou que a criatividade e a inteligência são qualidades diferentes.

A criatividade pode ser desenvolvida através do processo educativo, favorecendo potencialidades e conseguindo uma melhor utilização dos recursos individuais e grupais dentro do processo de ensino-aprendizagem. Seguindo com estas idéias não podemos falar de uma educação criativa sem mencionar a importância de uma atmosfera criativa que propicie o pensar reflexivo e criativo

*Doutor em Ciências da Educação. Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior e Professor Titular da UNIPAR - Campus - Umuarama - Sede.

**Acadêmica do Curso de Letras - UNIPAR - Campus - Umuarama - Sede.

***Especialista em Orientação e Supervisão Escolar, Educação Especial e Psicopedagogia. Professora da UNIPAR - Campus - Francisco Beltrão.

****Doutor em Dentística Restauradora. Professor do Curso de Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior e Coordenador do Curso de Odontologia da UNIPAR - Campus - Umuarama - Sede.

em sala de aula.

A concepção a respeito de uma educação criativa parte da colocação de que a criatividade está ligada a todos os âmbitos da atividade humana, e é o produto de um suceder histórico social determinado. Seguindo com esta maneira de pensar, teríamos de partir de um conceito de criatividade de acordo com as colocações anteriores, que bem pode ser o seguinte:

Criatividade é o potencial humano integrado por componentes cognitivos, afetivos, intelectuais e volitivos, que através de uma Atmosfera criativa fica de manifesto, para gerar produtos novidadeiros e de grande valor social e comunicá-los transcendendo em determinados momentos o contexto histórico social no que se vive (RODRIGO e ARNAY, 1998).

Este conceito integracionista expõe uma inter-relação dialética das dimensões básicas com que freqüentemente se definiu a criatividade de maneira unilateral: pessoa, processo, produto, meio.

Por outro lado, este educar na criatividade implica o amor pela mudança. É necessário propiciar através de uma atmosfera de liberdade psicológica e profundo humanismo que se manifeste a criatividade dos alunos, ao menos no sentido de serem capazes de enfrentar-se com o novo e construir uma resposta adequada. Além disso, deve-se-lhes ensinar a não temer a mudança, mas sim sentir-se a gosto e desfrutar desta.

Pode-se afirmar sem medo de se equivocar que uma educação criativa é uma educação para o desenvolvimento e auto-realização, na qual não somente é valiosa a aprendizagem de novas habilidades e estratégias de trabalho, mas também a “desaprendizagem” de uma série de atitudes que em determinados momentos nos encham de elementos psicológicos para sermos criativos ou para permitir que outros o sejam.

Existem dificuldades de aprendizagem que têm sua base em uma carência ou falta de emprego adequado das habilidades de pensamento criativo e reflexivo. Em nossas salas de aula, em certos momentos, prepondera um clima pouco participativo, ativo e centrado nos alunos. Alguns professores não têm consciência de que possuem criatividade e que a podem pôr a serviço de seus alunos.

Existe, em ocasiões, uma atitude pouco criativa dos professores, que se caracteriza por mostrar ao aluno que não é bem-sucedido e competente. O que há nas tradicionais aulas expositivas, ao invés de ciência, é o reforço da mística da “superstição da ciência” em que os estudantes apenas acreditam nos resultados da ciência, através de um discurso articulado de autoridade. Todos “sabem” que a Terra tem a forma esférica, mas poucos saberiam como demonstrar este princípio, para tomarmos apenas um exemplo extremamente superficial.

Substituindo assim o “processo” de construir o conhecimento pelo simples acreditar em autoridades, a escola simplesmente forma meros repetidores e esvazia mentes, tornando-as receptáculos propícios aos discursos carregados de sedução e autoritarismo como os de boa parcela da mídia televisiva ou da ainda arcaica política brasileira.

Fazer uma escola criativa é mais do que implementar

um procedimento pedagógico, significa abrir as portas para um mundo novo, formado por sujeitos dotados de autonomia e criticidade (ROCHA, 1995).

É o que espera de todos o mundo atual. Se tomarmos por base o próprio mercado de trabalho, o fim do paradigma cartesiano de administração (leia-se Taylor e Ford) deixa claro que é preciso, cada vez, mais superar aquela visão que separava a mente que cria da mão que executa (HOZ: 1977).

Este objetivo, para ser levado à prática, faz-se necessária a aplicação de uma série de focos de intenções formativas.

Neste sentido os professores devem compreender a importância da criatividade neste contexto (HOZ: Idem):

1. Os profissionais da educação devem se sensibilizar para o valor educativo e social da criatividade; assim como seu valor estratégico para adaptar-se às mudanças que exige a integração educativa.

2. Os professores deverão estar capacitados sobre conhecimentos e habilidades a respeito da criatividade e sua projeção na educação, considerando o docente como profissional da educação criativo e inovador.

3. A criatividade deve ser transferida a contextos educativos de sala de aula e do centro escolar. O grau de transferência irá das meras aprendizagens de técnicas e instrumentos à elaboração de projetos inovadores para melhorar a prática educativa de forma colaborativa e institucional. A aplicação dos conhecimentos e habilidades ou estratégias assumidas a contextos diferentes daqueles que se adquiriram, são a melhor garantia da eficiência de uma aprendizagem.

Conclusão

Educar na criatividade implica partir da idéia de que esta não se trabalha de maneira direta, mas sim aprendendo a tolerar a ambigüidade e incerteza, de forma que o professor pudesse favorecer nos estudantes o desenvolvimento de uma tolerância à ambigüidade dando-lhes mais espaço para pensar sobre uma situação problemática que lhe apresenta e estimulando-os a refletir, não temendo a este período de germinação dos conhecimentos que estará associado a uma incubação das possíveis soluções.

Seguindo com esta idéia, a incerteza é outro alimento da aula criativa. Quer dizer que se deve criar um clima dentro do processo de ensino-aprendizagem, onde o conhecimento que se está trabalhando não se dê como imutável e estático. A escola necessita da incerteza para que o aluno se lance a explorar fora da sala de aula o conhecimento que não conseguiu construir totalmente dentro dela.

Assim, deve-se favorecer a vontade para superar obstáculos e perseverar. Devemos partir sempre, quando começamos com um projeto inovador para a educação, de duas metas: a primeira, ser fiéis aos objetivos que desejamos alcançar; e a segunda, estar conscientes de que para chegar a atingir este objetivo, barreiras devem ser derrubadas. Os obstáculos devem ser convertidos em oportunidades e não em ameaças.

Por fim, deve-se desenvolver no estudante, a confiança em si mesmo e em suas convicções. Na escola,

deve-se cultivar a confiança em si mesmo através de indicadores que nem sempre sejam as boas notas e o “passar de ano”. Outros indicadores que devem ser levados em consideração podem ser: a abertura mental, a originalidade, o assumir riscos, o expor-se a perguntas que, em determinados momentos, ponham em dúvida o conhecimento que se está trabalhando, entre outros.

O que este novo mundo do trabalho nos coloca é a possibilidade de superar aquele ser humano fragmentado em favor do desenvolvimento de potencialidades de planejamento, análise, solução de problemas, responsabilidade, espírito coletivo, interação e adaptabilidade. Mudar o eixo da escola do “prestar atenção” passivamente para o “olhar indagador” através da criatividade é desafio premente para toda e qualquer instituição de ensino.

Referências

- HOZ, V. G. **Questões fundamentais em educação**. Porto: Civilização, 1977.
- PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- ROCHA, R. **Pesquisar e aprender**. São Paulo: Scipione, 1996.
- RODRIGO, M. J.; ARNAY, J. (Org.). **Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança**. São Paulo: Ática, 1998.

Recebido em: 30/08/2006

Aceito em: 27/09/2006